

5.

ABRIL · 2019

*Ponte de Lima:
do passado ao presente,
rumo ao futuro!*



A FESTA LIMIANA EM HONRA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DURANTE O PERÍODO MODERNO

PONTE DE LIMA FEAST IN HONOUR OF NOSSA SENHORA DO CARMO DURING THE MODERN PERIOD

O presente estudo analisa o programa festivo em honra de Nossa Senhora do Carmo, promovido pela confraria do mesmo nome, erigida na Igreja Matriz de Ponte de Lima.

A missa, o sermão e a procissão constituíam a principal trilogia desta cerimónia festiva, proporcionando, assim, um reforço coletivo da fé, dos tempos e dos laços de solidariedade, entre os fiéis. Para tal, tudo era pensado com detalhe, desde a limpeza e asseio das alfaias litúrgicas, até à armação do altar. Primava-se pela perfeição, como uma das formas de agradar à Virgem, mas também aos crentes.

Atendendo às exigências estatutárias da irmandade, as suas manifestações festivas arredavam-se de tudo o que fosse profano, isto é de bailes, comédias, até de corrida de touros. Imprimia-se a estes festejos uma feição marcadamente religiosa.

Talvez pelo seu carácter profundamente devocional, estes rituais festivos, em honra de Nossa Senhora, expressavam-se ao exterior de uma forma humilde, simples e sem aparato, desviando-se do espetáculo, brilho e pompa, típicos do gosto barroco.

This study analyses the festive programme in honour of Nossa Senhora do Carmo promoted by “Nossa Senhora do Carmo Brotherhood” based in the Mother Church of Ponte de Lima.

FESTA, CONVIVIALIDADE, CONFRARIA,
PROFANO, RITUAIS, RELIGIOSO

FEAST, SOCIALISATION, BROTHERHOOD,
PROFANE, RITUAL, RELIGIOUS

The mass, the sermon and the procession were the main features of this ceremony providing a mass reinforcement of the faith and of the bonds of solidarity among the believers. For such a purpose everything was thought out in detail, since the cleaning of the liturgical implements to the altar decoration. Perfection prevailed as a way to please not only The Virgin but also the believers. Trying to meet the statutory demands of the brotherhood the festive manifestations were away from everything that was profane such as the dances, comedies, even the bullfights. Thus, these feasts had a strong religious feature. Maybe because of its deeply devotional character these ritual festivities, in honour of Our Lady, were shown in a humble, simple way, away from the show, the luxury and the brightness typical of the baroque style.

ANTÓNIO BARBOSA ^[1]

As confrarias de origem medieval assumem nos alvares do Período Moderno uma singular vitalidade, concorrendo para isso os ditames tridentinos ^[2]. A assistência material e espiritual que estas associações proporcionavam aos seus membros conferia-lhes uma grande popularidade, acentuada com a festividade em honra do seu patrono ^[3]. Em Ponte de Lima, predominava uma multiplicidade destas uniões piás que, à semelhança das suas congêneres disseminadas por todo o país, veneravam o seu santo padroeiro mimando-o, anualmente, com uma festividade.

A confraria de Nossa Senhora do Carmo, sediada na Matriz de Ponte de Lima, não deixava de assinalar o dia da sua padroeira com uma festividade, proporcionando, deste modo, mais um momento de manifesta devoção e ao mesmo tempo de confraternização dos seus associados. A própria Igreja olhava estas agremiações como uma mais valia na medida em que, as mesmas, contribuíam para o reforço do espírito católico dos seus devotos. Por esta razão, edificar uma confraria não era muito difícil, antes pelo contrário a Igreja concorria com o seu encorajamento ^[4].

Na matriz da vila, o altar da confraria de Nossa Senhora do Carmo (fig. 2) erigia-se na nave do lado do evangelho, contíguo ao altar de Nossa Senhora da Expec-

[1] DOUTORADO EM HISTÓRIA MODERNA (UNIVERSIDADE DO MINHO). MEMBRO DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO: LABORATÓRIO DE PAISAGENS, PATRIMÓNIO E TERRITÓRIO.

[2] A REFORMA CATÓLICA CONTRIBUIU PARA O FORTALECIMENTO DESTAS ASSOCIAÇÕES, CUJOS MEMBROS MOSTRARAM UM PROFUNDO EMPENHO EM EXPANDIR OS PRINCÍPIOS DO CATOLICISMO, MAS TAMBÉM AS PRÁTICAS RELIGIOSAS. SOBRE ESTE ASSUNTO CONFIRA-SE ARAÚJO, MARTA LOBO – INTRODUÇÃO. IN ARAÚJO, MARTA LOBO, COORD. – *AS CONFRARIAS DE BRAGA NA ÉPOCA BARROCA*. FAMILIÇÃO: EDIÇÕES HÚMUS, 2016. P. 13.

[3] A ESTE RESPEITO VEJA-SE PENTEADO, PEDRO – *CONFRARIAS PORTUGUESAS DA ÉPOCA MODERNA: PROBLEMAS, RESULTADOS E TENDÊNCIAS E INVESTIGAÇÃO*. *LUSITÂNIA SACRA*, LISBOA, 2:7 (1995). P. 15-52.

[4] NO PERÍODO MODERNO, AS CONFRARIAS EXPANDIAM-SE, NÃO SOMENTE PELA IGREJA DA PARÓQUIA, MAS AINDA POR CAPELAS, CONVENTOS, MOSTEIROS, SÉS, SANTUÁRIOS E ALTARES. NESTE ÂMBITO LEIA-SE, ARAÚJO, MARTA LOBO – INTRODUÇÃO. IN ARAÚJO, MARTA LOBO, COORD. – *AS CONFRARIAS DE BRAGA NA ÉPOCA BARROCA...*, P. 11.



FIGURA 2.

Imagem de N. Sr^a do Carmo, Igreja Matriz de P. de Lima

tação^[5]. Aqui, os irmãos e outros fiéis prestavam culto e rituais à Virgem do Carmo, assistindo às várias cerimónias litúrgicas. A forte devoção mariana que os confrades limianos nutriam pela imagem de Nossa Senhora do Carmo materializava-se nas ladainhas, orações e cânticos a ela dedicados, como forma de agradecimento pelas graças divinas^[6].

Embora esta instituição possua similitudes com as confrarias do seu tempo, não deixa de assumir determinadas especificidades que nos levam a pensar numa afinidade intensa com as ordens religiosas franciscanas existentes em Portugal^[7]. Não sendo uma Ordem, e os seus membros não fazendo noviciado e profissão, podemos dizer que os irmãos desta associação confraternal limiana envergavam um hábito especial, sob a forma de escapulário, à semelhança da Ordem Secular do Carmo. Usar esta insígnia, por parte dos confrades, simbolizava a proteção de tentações demoníacas, bem como a fruição de indulgências e de outros privilégios^[8].

Esta instituição, para além de defender princípios como simplicidade, humildade e obediência, considerava, ainda, que os seus membros deveriam seguir uma vida recatada, exemplar e modesta. Demonstrava, desta maneira, uma preocupação com a depuração de todos os defeitos e vícios, compelindo os confrades a uma vida pautada pela retidão e virtude. Todo o devoto que integrasse esta confraria, e de acordo com os

[5] SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DOS ALTARES DAS CONFRARIAS SEDIADAS NA IGREJA MATRIZ DE PONTE DE LIMA ATENTE CARDONA, PAULA – *O PERFIL ARTÍSTICO DAS CONFRARIAS EM PONTE DE LIMA NA ÉPOCA MODERNA*. PONTE DE LIMA: CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DE LIMA, 2010. P. 16.

[6] A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO CARMO FOI OFERTADA PELO PADRE LEANDRO ANTÓNIO PINTO DE MENDONÇA. ESTE COLOCOU-A NA IGREJA MATRIZ PARA SER VENERADA PELO POVO "...QUE EM TODOS OS SÁBADOS DOMINGOS, E DIAS SANTOS, SE JUNTA O POVO LHE CANTÃO A SUA LADAINHA E SALVE RAINHA NA MESMA IGREJA COM TODA A DEVOÇÃO...". CF. ARQUIVO DO MUSEU DOS TERCEIROS DE PONTE DE LIMA, DORAVANTE (AMTPL), FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, *ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752-1774*, FL. 29.

[7] O SENTIDO RELIGIOSO PLASMADO POR S. FRANCISCO DE ASSIS ÀS ORDENS TERCEIRAS SECULARES CONTRIBUIU PARA QUE ESTAS INSTITUIÇÕES SEGUISSSEM O MODELO DA ORDEM TERCEIRA FRANCISCANA, CONTANDO-SE COM A ORDEM TERCEIRA SECULAR DOMINICANA, ORDEM TERCEIRA SECULAR CARMELITANA, ENTRE OUTRAS. SOBRE ESTE ASSUNTO CONSULTE-SE ARAÚJO, ANTÓNIO – ORDENS TERCEIRAS. IN AZEVEDO, CARLOS MOREIRA, DIR. – *DICIONÁRIO DE HISTÓRIA RELIGIOSA DE PORTUGAL*. LISBOA: CÍRCULO DE LEITORES, 2000. P. 348-349.

[8] CF. AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, *ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752...*, FL. 4V.

“
Esta instituição, para além de defender princípios como simplicidade, humildade e obediência, considerava, ainda, que os seus membros deveriam seguir uma vida recatada, exemplar e modesta.
”

regulamentos de 1752, significava estar protegido das desgraças e necessidades, bem como aproximar-se da Virgem Maria para mais facilmente ser bafejado pelas graças divinas^[9]. Daí não ser de admirar que esta instituição, inicialmente muito reduzida, auspiciasse a entrada de cada vez mais fiéis que procuravam o conforto espiritual e proteção de Nossa Senhora^[10].

Mas, se estas razões e virtudes de Nossa Senhora podiam atrair irmãos para o seu interior, estes procuravam ainda visibilidade, poder, prestígio e promoção social que se alcançavam através das festividades e de cerimónias religiosas^[11].

Não obstante, os confrades que a integravam, para viverem em harmonia no seu seio deviam cumprir as regras que os próprios estatutos ditavam. O sacramento da confissão não podia ser omitido, antes pelo contrário, era uma das observâncias que devia ser respeitado e feito com regularidade, mormente, em todas as festas da padroeira, segundos domingos de cada mês, em momentos da comunhão geral e ainda nas festas do Nascimento, Ressurreição do Senhor, Espírito Santo e “outavario” dos santos.

Tal como as suas homólogas, esta associação de fiéis não se arredou de fomentar o culto de Nossa Senhora^[12], com destaque para a sua veneração e realização da sua festa principal cumprida a anualmente:

[...] fazendo a sua festa anualmente com o senhor exposto todo o dia, e dous sermoens: em cada hum dos três anos com toda a solemnidade e Muzica:

[9] CF. AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752..., FL. 10.

[10] CATIVAR OS IRMÃOS PARA INGRESSAR NESTAS CONFRARIAS PARECIA SER UMA DAS PRÁTICAS DEFENDIDAS PELOS SEUS ESTATUTOS. NO CASO DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, EM SETÚBAL, CATIVAVA-SE A ENTRADA DE IRMÃOS AO REFERENCIAR QUE O SEU ELEVADO NÚMERO CONDUZIA AO AUMENTO DO SERVIÇO DE DEUS E DA VIRGEM. LEIA-SE ABREU, LAURINDA FARIA DOS SANTOS – CONFRARIAS E IRMANDADES DE SETÚBAL: REDES DE SOCIABILIDADE. IN CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO, 1 – ACTAS. PORTO: REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO: GOVERNO CIVIL DO PORTO, 1991. VOL. 1, P. 10.

[11] CF. PENTEADO, PEDRO – CONFRARIAS PORTUGUESAS NA ÉPOCA MODERNA: PROBLEMAS, RESULTADOS E TENDÊNCIAS DA INVESTIGAÇÃO..., P. 15-52.

[12] A IGREJA DE FORMA INTENSA PROMOVEU O CULTO DE NOSSA SENHORA E DAS SUAS VIRTUDES. DESTA FORMA, SERVIU-SE NÃO SÓ DE IMAGENS, DE RITUAIS DEVOCIONAIS, MAS TAMBÉM DA INSTITUIÇÃO DE CONFRARIAS PARA ALCANÇAR ESSE DESIGNIO DE GLORIFICAR A VIRGEM. SOBRE ESTE ASSUNTO LEIA-SE ARAÚJO, MARTA LOBO – INTRODUÇÃO. IN ARAÚJO, MARTA LOBO, COORD. – AS CONFRARIAS DE BRAGA NA ÉPOCA MODERNA..., P. 12.

[13] CF. AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752..., FL. 29.

e porque o supplicante dezeja que a devoção da Senhora do Carmo vá sempre em aumento [...]^[13].

Sendo a festividade um momento importante de elevação religiosa, os membros que a promoviam obedeciam a determinadas regras, a ela inerentes, e que de certa forma espelhavam o carácter organizativo e de “perfeição”. Tal como já foi referenciado anteriormente, nestas alturas, os irmãos não podiam evadir-se da obrigatoriedade de certos atos pios, sendo a confissão e a comunhão, entre outros, uma das prescrições.

De acordo com o calendário litúrgico, o dia 16 de julho constituía a data da celebração festiva em honra de Nossa Senhora do Carmo. Não obstante, quando o mesmo não coincidissem num domingo, por determinação estatutária, transferia-se para o domingo subsequente. A este propósito, em 1832, como o dia da festa da padroeira seria numa segunda-feira, por determinação de Mesa, e atendendo ao que estava consignado nos estatutos, acordou-se que a celebração fosse adiada para o domingo, dia 22 de julho. Apesar desta alteração, a festividade deveria manter a mesma vitalidade e realizar-se com “toda a solenidade”, como já era costume.

Esta exigência, por parte da irmandade, em promover a festividade de Nossa Senhora do Carmo ao domingo, para além de estar associada ao simbolismo católico, como dia da Ressurreição de Jesus Cristo, talvez possa ser ex-

plicada pelo facto de ser um dia da semana marcado pelo ócio e lazer, quebrando a rotina diária do trabalho, o que proporcionaria uma maior participação dos fiéis neste momento festivo. Pois, como nestas ocasiões festivas apareciam na instituição muitos dos irmãos e outros fiéis, não era de admirar que estes momentos facultassem uma vivência coletiva da fé, mas ainda um reforço das relações de sociabilidade e de convivialidade^[14]. Se por lado nestas alturas se travavam conhecimentos, faziam-se amizades, estabeleciam-se negócios, por outro ocasionam-se furtos, discussões e conflitos^[15]. No entanto, o homem da Idade Moderna não deixava de vivenciar estes momentos com intensidade, aproveitando-os para descomprimir e esquecer, por instantes, a vida difícil do seu quotidiano^[16]. No fundo, estes momentos de grande alegria e festividade acabavam por provocar uma subversão das normas sociais, bem como um certo desregramento.

Para a festividade de Nossa Senhora do Carmo, e como forma de reunir um sublinhado número de fiéis, os mesários enriqueciam o seu programa festivo com determinados rituais religiosos como a exposição do Santíssimo Sacramento, de manhã e de tarde, missa cantada, sermões, procissão e música. Para os sermões selecionavam-se os melhores pregadores, dotados da arte de bem falar, por forma a sensibilizar e doutrinar os piedosos^[17]. Em muitas das festas promovidas pelas instituições

[14] SOBRE ESTE ASSUNTO LEIA-SE PENTEADO, PEDRO – CONFRARIAS. IN AZEVEDO, CARLOS MOREIRA, DIR. – *HISTÓRIA RELIGIOSA DE PORTUGAL*. LISBOA: CÍRCULO DE LEITORES, 2000. VOL. 2, P. 323-333.

[15] CONSULTE-SE PARA ESTE ASSUNTO, LIMA, JOSÉ DA SILVA – FESTAS. IN AZEVEDO, CARLOS MOREIRA, DIR. – *DICIONÁRIO DE HISTÓRIA RELIGIOSA DE PORTUGAL*. LISBOA: CÍRCULO DE LEITORES, 2000. P. 251-263.

[16] CF. BARBOSA, ANTÓNIO – *A PROCISSÃO DE CINZAS EM PONTE DE LIMA (SÉCULOS XVII-XIX)*. NOTAS PARA UMA INTRODUÇÃO. PONTE DE LIMA: CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DE LIMA, 2010. P. 9.

[17] O PÚLPITO FOI, AO LONGO DA HISTÓRIA DA IGREJA, UM VEÍCULO DE PODER E DE DOMÍNIO POLÍTICO, RELIGIOSO E SOCIAL SOBRE OS CATÓLICOS. CF. MÓRAN, MANUEL; ANDRÉS GALLEGO, JOSÉ – O PREGADOR. IN ROSARIO, VILLARI, DIR. – *O HOMEM BARROCO*. LISBOA: EDITORIAL PRESENÇA, 1994. P. 125-127

[18] AS ORDENS MONÁSTICAS MOSTRAVAM-SE MUITO EMPENHADAS NA PREGAÇÃO, POIS PARA ALÉM DOS MEMBROS DAS ORDENS MENDICANTES, OS AGOSTINHOS, BENEDITINOS, LÓIOS, ENTRE OUTROS, TAMBÉM ERAM CONVIDADOS PARA EXERCEREM ESTA PRÁTICA. CF. MARQUES, JOÃO FRANCISCO – A PALAVRA E O LIVRO. IN AZEVEDO, CARLOS MOREIRA, DIR. – *HISTÓRIA RELIGIOSA DE PORTUGAL*..., P. 402-409.

[19] CF. AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, *ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752...*, FL. 16.

confraternais limianas recrutavam-se os monges do convento de Santo António^[18]. Pois, estes estavam muitos bem preparados para proferirem discursos de natureza moral e religiosa, de forma magistral, tocando na consciência de todos os ouvintes. Em muitas localidades, o número de fiéis que assistia a estes atos de culto é que determinava o número de sermões a celebrar.

Nesta confraria, em estudo, o pregador era o padre presidente, que em troca deste serviço religioso recebia um donativo em dinheiro. Caso este religioso não pudesse realizar os sermões no dia da festa, procurava-se outro pregador, sob a sua direção, que com muita proficiência os executasse, mesmo que o orador não fosse do agrado do povo. Os próprios estatutos, com determinação e clareza, defendiam que estas pregações deviam ter em si um caráter moralista, catequético, que eficazmente expurgassem o espírito, dos fiéis, de todos os vícios e não “...sermoens que inclinão ou contenhão [sic] aprovação de vaidades, ou aplauzos Mundanos”^[19]. Inferimos, desta forma, que os pregadores, ao anunciarem a palavra através das suas prédicas, deveriam ser cuidadosos, por forma a evitar o fomento de vaidades, e de outros descaminhos nos fiéis. O objetivo era conduzi-los à conversão interior, perseverança da fé, e não à desorientação. Todo este zelo fazia sentido se entendermos que era através dos sermões que a própria Igreja difundia as suas ideias, num

período em que a cultura oral tinha grande predominância^[20]. De acordo com S. Paulo, como a fé se alimenta pelo ouvido, as verdades veiculadas pela catequese e pregação encontram aqui o seu momento privilegiado, compreendendo-se, assim, o cuidado especial pela hierarquia eclesiástica^[21].

Porém, estas práticas espirituais não integravam apenas os programas das festas, pois noutras ocasiões, como nos terceiros domingos de cada mês, todos os irmãos obrigatoriamente tinham de assistir aos sermões realizados pela confraria de Nossa Senhora do Carmo, denotando-se a importância que estes representavam para a instituição. Para evitar que os irmãos faltassem a estes momentos considerados catequéticos e moralizantes, tocava-se o sino três vezes e o irmão “chamador” transitava pelas ruas limianas, munido de uma campainha e imagem do Senhor a anunciar o sermão^[22].

A natureza predominantemente devocional, inerente a esta coletividade de irmãos de Nossa Senhora do Carmo, expressava-se através da humildade, simplicidade e decência. Não era por acaso que as determinações estatutárias, de 1752, advertiam todos os membros da confraria a não assistirem e participarem em comédias e “bailes indecentes”, capazes de distanciar e desviar os fiéis dos caminhos divinos. Encaravam estes entretenimentos lúdicos como responsáveis pela corrupção e desmoronamento da moral dos devotos, encaminhando-os para pensamentos

[20] CF. GOUVEIA, ANTÓNIO CAMÕES – O ENQUADRAMENTO PÓS-TRIDENTINO E AS VIVÊNCIAS DO RELIGIOSO. IN MATTOSO, JOSÉ, DIR. – HISTÓRIA DE PORTUGAL. O ANTIGO REGIME. LISBOA: EDITORIAL ESTAMPA, 1998. P. 259-264.

[21] CF. MARQUES JOÃO FRANCISCO – A PALAVRA E O LIVRO. IN AZEVEDO, CARLOS MOREIRA, DIR. – HISTÓRIA RELIGIOSA DE PORTUGAL..., P. 393-397.

[22] PARA QUE TODOS OS FIÉIS PODESSEM OUVIR, COM CLAREZA, O DISCURSO DO PREGADOR, ESTE SUBIA PARA O PÚLPITO E COMEÇAVA COM O RITUAL DO SINAL DA CRUZ, SEGUIDO DA LEITURA DE UM OU DOIS CAPÍTULOS DOS ESTATUTOS. A PARTIR DAQUI, O PREGADOR FAZIA AS SUAS EXORTAÇÕES. AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752..., FL. 15.

[23] AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752..., FL. 13.

[24] AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752..., FL. 13V.

libertinos e lembranças menos honestas. Armadilha perigosa para corromper um católico.

Assumindo a confraria estas diversões como tentadoras e adversas à moralidade de todos os confrades, estipulou-se nos mesmos regulamentos que as festas solenes promovidas pela instituição e de invocação a Nossa Senhora do Carmo nunca deveriam contemplar no seu programa de atividades:

[...] touros, nem comedias, ou entremezes, nem escaramuças de cavalharias e couzas semelhantes, nem bailes, por mais honestos que pareçam nem ramos se poderão dar de presentes as pessoas nas festas da Senhora [...]^[23].

De acordo com a doutrina pregada por esta irmandade, os criadores destes espetáculos que integravam bailes, touros, comédias e folias, não foram Jesus Cristo, “nem Maria Santíssima, minha Senhora, suavíssima e nossa May clementíssima, nem os agrados Apóstollos, nem nenhum anjo...”^[24]. Pois, estes momentos, promotores de diversão, eram considerados obra do demónio que procurava assediar os fiéis, conduzindo-os para os maus caminhos, corrompendo-os. Deste modo, ficava prescrito nos regulamentos que o irmão tentado a frequentar tais espetáculos seria repreendido pela irmandade. Esta forma de pensamento que pairava no seio da confraria espelhava uma mentalidade muito focalizada em Deus ancorada numa austeridade de princípios, através dos quais os confrades deviam tê-los

como fio condutor do seu quotidiano. No fundo, e mais uma vez sabendo que esta instituição não era uma ordem, existia uma vontade de imitar a vida daqueles que se dedicavam exclusivamente a Deus, como os frades e freiras^[25].

Fruto disto, o programa festivo em honra da padroeira constituía-se pela trilogia: missa cantada, sermões e procissão, arredando-se de tudo que fosse da componente profana. Claro que no período em estudo, século XVIII, muitas irmandades organizavam e preparavam as suas manifestações festivas num ambiente barroco, esmerando-se no brilho, sumptuosidade e pompa, aspetos que a confraria de Nossa Senhora do Carmo condenava e dos quais procurava afastar os seus membros.

Nesta vila do alto Minho, as confrarias, muitas delas edificadas na igreja Matriz, funcionavam como o motor gerador de grande parte das festividades promovidas nesta localidade, já que todas honravam o seu patrono com uma festa anual, onde nada podia faltar.

A Misericórdia limiana empenhava-se com grande esmero na realização de todas as cerimónias festivas, embora as de maior destaque fossem a de Santa Isabel, pelo facto de esta ser a padroeira, mas também por ser nesta ocasião a eleição dos corpos gerentes e a festividade dos Fiéis de Defuntos, pela sublinhada importância que assumia a assistência à alma^[26]. Festa grandiosa acontecia no contexto da semana santa, em Monção, não só pelo seu aparato de representação

[25] A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO DA CIDADE DE BRAGA FOI FUNDADA, EM 1758, NA IGREJA COM A MESMA INVOCAÇÃO CUJOS ALICERCES ANCORARAM-SE NA COMUNIDADE DOS PADRES CARMELITAS DESCALÇOS DA MESMA CIDADE. TEVE UM PAPEL IMPORTANTE NA SUA FUNDAÇÃO O FREI BERNARDO DE S. TOMÁS. CF. SILVA, SARA – A CONTABILIDADE DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO (1758-1834). IN ARAÚJO, MARTA LOBO, COORD. – AS CONFRARIAS DE BRAGA NA ÉPOCA BARROCA..., P. 95-114.

[26] PARA ALÉM DESTAS FESTIVIDADES A MISERICÓRDIA LOCAL COMEMORAVA A FESTA DA S. SEBASTIÃO E A DAS ENDOENÇAS NO ÂMBITO DA SEMANA SANTA. A ESTE RESPEITO LEIA-SE ARAÚJO, MARTA LOBO – DAR AOS POBRES E EMPRESTAR A DEUS: AS MISERICÓRDIAS DE VILA VIÇOSA E PONTE DE LIMA (SÉCULOS XVI-XVIII). BARCELON: SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VILA VIÇOSA; SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE PONTE DE LIMA, 2000. P. 382.

[27] SOBRE ESTAS MANIFESTAÇÕES VEJA-SE ARAÚJO, MARTA LOBO – AS MANIFESTAÇÕES DE RUA DAS MISERICÓRDIAS PORTUGUESAS EM CONTEXTO BARROCO. IN *HISPÂNIA SACRA*. LXII 122. ENERO-JUNIO, 2010. P. 93-113.

[28] SOBRE A MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA MATERIALIZADA NA PROCISSÃO DE CINZAS PROMOVIDA PELOS IRMÃOS TERCEIROS DE S. FRANCISCO DE PONTE DE LIMA CONSULTE-SE BARBOSA, ANTÓNIO – A PROCISSÃO DE CINZAS EM PONTE DE LIMA (SÉCULOS XVII-XIX)..., P. 25.

[29] SOBRE ESTA MATÉRIA CONSULTE-SE ESTEVES, ALEXANDRA – A CONFRARIA DA NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA FORMAS DE SOCIABILIDADE E ASSISTÊNCIA EM PONTE DE LIMA NO SÉCULO XIX. IN *PONTE DE LIMA ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL*. PONTE DE LIMA: MUNICÍPIO DE PONTE DE LIMA, 1999. P. 89-90.

[30] CF. TEIXEIRA, JOAQUIM DE SOUSA – FESTA E IDENTIDADE. IN *REVISTA COMUNICAÇÃO E CULTURA, A FESTA*. CENTRO DE ESTUDOS E COMUNICAÇÃO E CULTURA. 2010. P. 19.

cénica da bíblia, mas ainda engrandecida com a missa, sermão, repique de sinos e fogo de artifício^[27]. A Ordem Terceira de Ponte de Lima apresentava-se ao público, na procissão de cinzas, de forma magnífica e num ambiente de ostentação, bem ao gosto barroco^[28].

A festividade em honra de Nossa Senhora da Penha de França, em Ponte de Lima, apesar de se realizar no interior da sua capela, também não passava despercebida, pois as despesas com esta manifestação festiva foram evidenciando um crescendo justificado pela utilização de novos elementos, para a abrilhantar, como por exemplo o harmónio introduzido nos finais do século XIX^[29]. Através destas manifestações festivas podemos asseverar que todos os cuidados eram tidos em conta na sua preparação e organização, por forma a que o aparato e o brilho não deixassem de ressaltar para o público. Apesar de a festividade de Nossa Senhora do Carmo assumir-se, em Ponte de Lima, como uma manifestação de grande simplicidade e humildade, não se omitiam determinados preparativos. E, ao contrário de muitas teorias, a festa no seu sentido mais alargado nada tem de desorganização, antes sim obedece e exige uma cuidada preparação, envolvendo uma distribuição de tarefas, distinção dos papéis, hierarquização dos eventos, alinhamento dos momentos, entre outros^[30]. Neste âmbito, os irmãos da confraria de Nossa Senhora do Carmo revelavam, nestas ocasiões um grande zelo e perfei-

“

Procurando sempre manter a sua sobriedade, a irmandade impunha, através de regras estatutárias, que no altar não existissem objetos de prata. No entanto, permitia que as coroas, patenas, colher do cálice e a haste da cruz fossem de ouro.

”

[31] AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752..., FL. 20.

ção, não somente com os ornatos, mas ainda com as vestes sacerdotais. Para além disso, tudo faziam para que o altar se apresentasse, nesta altura, ao público com grande asseio, limpeza e “perfeito”, não descurando as suas ornamentações. Tudo devia estar em harmonia com a perfeição de “Nossa May Maria Santíssima Nossa Senhora nos ensinou a venerar e alinhar todas as cousas do santo altar”^[31]. A armação do altar ficava a cargo de quatro mordomos que nada podiam esquecer, desde a limpeza até à sua decoração, tarefas que se complementavam com a lavagem, conserto e composição de outros equipamentos.

Procurando sempre manter a sua sobriedade, a irmandade impunha, através de regras estatutárias, que no altar não existissem objetos de prata. No entanto, permitia que as coroas, patenas, colher do cálice e a haste da cruz fossem de ouro. Mais uma vez, a instituição queria deixar transparecer para o público a sua simplicidade, humildade, e desinteresse pelos bens materiais, demonstrando que a questão espiritual é mais importante que a questão material.

Os princípios ancorados na simplicidade e humildade, nutridos pela confraria, estendem-se ainda a outro domínio, materializado na advertência feita aos irmãos aquando da realização das procissões. Neste sentido, sempre que a irmandade se fizesse representar em préstitos realizados por outras confrarias, os confrades de Nossa Senhora do Carmo tinham que

ser exemplares, isto é, nunca gerar contendas a respeito do posicionamento dos lugares atribuídos^[32]. Como filhos da Virgem do Carmo, deveriam assumir uma postura de pessoas modestas, simples, desprovidas de vaidade, de presunção, sem teimosia e repugnância. Privilegiavam-se os comportamentos exemplares, dos quais resultavam o prestígio, elevação e grandiosidade. Estas advertências não estavam prescritas nos estatutos por acaso, se atentarmos a que a disputa, entre as irmandades pelos lugares de maior proeminência nas procissões era uma realidade. No âmbito da organização e alinhamento dos préstitos contemplavam-se duas regras: a primeira residia na barreira entre os eclesiásticos e leigos, sendo esta uma das grandes divisões nas procissões; a segunda na multiplicidade de divisões, que em momentos protocolares eram geradoras de quezílias^[33]. Aliás, uma das preocupações na organização das cerimónias processionais consistia na questão do estabelecimento de precedências, encontrando-se na sua base situações de afirmação pessoal por desempenho de cargo, por deferência honorífica do bispo, papa, das dioceses ou da ordem religiosa, entre outras. As determinações estatutárias da confraria em estudo defendiam que os seus membros, neste tipo de cerimónias públicas, deviam incorporar-se no lugar que lhes estava reservado, e aceitá-lo passivamente, colocando-se à margem de todas as contendas que advies-

[32] AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752..., FL. 20.

[33] SOBRE A QUESTÃO DE PRECEDÊNCIAS NAS PROCISSÕES LEIA-SE GOUVEIA, ANTÓNIO CAMÕES – PROCISSÕES. IN AZEVEDO, CARLOS MOREIRA, DIR. – *DICIONÁRIO DE HISTÓRIA RELIGIOSA DE PORTUGAL*. LISBOA: CÍRCULO DE LEITORES, 2000. P. 67.

[34] AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752..., FL. 18.

[35] CF. ABREU, LAURINDA – CONFRARIAS E IRMANDADES DE SETÚBAL: REDES DE SOCIABILIDADE E PODER. IN I CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO..., P. 4-5.

sem da disputa pelo domínio dos lugares de destaque. Na procissão realizada em contexto dos festejos da padroeira cabia ao procurador conduzir a cruz diante do celebrante, estando ainda incumbido aos mordomos empunhar as tochas e as varas do pátio. Esta organização, determinada previamente, mostrava ao público assistente a disciplina, aprumo e organização da própria instituição. A festividade em honra de Nossa Senhora do Carmo, promovida pelos confrades limianos, não valorizava, tal como já nos apercebemos, mecanismos que lhes conferissem um caráter pomposo e magnífico. Pois, em consonância com a natureza da própria irmandade procurava-se uma celebração desprovida de opulência, vaidade e hipocrisia, “destes géneros nos havemos de excluir purgar e apartar como filhos que somos da humildíssima e por isso May de Deos a Senhora do Carmo Maria Santíssima”^[34].

Apesar de toda a modéstia que os irmãos do Carmo pretendiam plasmar na festa da padroeira, a verdade é que para além deste momento intensificar o culto prestado a Nossa Senhora, facultava uma abertura à comunidade limiana, ao mesmo tempo que dava visibilidade aos seus membros, enquadrando-os socialmente^[35]. Ao juiz cabia o dever de arcar com as despesas da festa. Podendo, deste modo, depreender-se que a ocupação deste cargo, para além de outras condições, deveria ser exercida por uma pessoa provida

economicamente. Contudo, nem sempre o pagamento da festividade corria como a instituição pretendia. De acordo com as fontes, em 1811, assistiu-se no interior da mesma a um desentendimento entre o juiz Miguel José Pereira e a Mesa, pelo facto de aquele recusar-se ao cumprimento de custear as despesas da festa. Situação que levou os oficiais a reunirem e a deliberarem riscá-lo de irmão^[36].

Estas situações mostravam-se bastantes incómodas e desconfortáveis para uma instituição que primava pela harmonia, solidariedade cristã e bom entendimento entre os confrades, constituindo a festa uma ocasião onde a camaradagem entre todos os associados devia transparecer do interior da confraria para o seu exterior.

Nas vésperas desta manifestação festiva fazia-se a eleição dos novos oficiais, momento que também exigia o encontro e a reunião de todos os irmãos para procederem ao escrutínio. Procurava-se com a calendarização de tal eleição que no dia de Nossa Senhora já estivesse uma nova Mesa eleita e que, oito dias após o término da festividade, os mesários cessantes prestassem contas de todo o património da irmandade^[37].

Esta festividade, tal como outras promovidas pelas suas homólogas, implicava despesas. Porém, para o período em estudo, Idade Moderna, as fontes não são muito claras sobre as informações que prestam acerca dos gastos feitos pela confraria com a sua festa principal. Uma das razões prende-se com

[36] AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, LIVRO DOS ASSENTOS DAS MESAS 1756, FL. 82.

[37] AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, ESTATUTOS DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO 1752..., FL. 18. CURIOSAMENTE A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO ELEGIA A MESA DE OFICIAIS NO TERCEIRO DOMINGO DE AGOSTO, DEPOIS DA FESTA PRINCIPAL DEDICADA A NOSSA SENHORA DO CARMO. A ESTE PROPÓSITO LEIA-SE SILVA, SARA – A CONTABILIDADE DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO (1758-1834)..., P. 95.

“

Nas vésperas desta manifestação festiva fazia-se a eleição dos novos oficiais, momento que também exigia o encontro e a reunião de todos os irmãos para procederem ao escrutínio. Procurava-se com a calendarização de tal eleição que no dia de Nossa Senhora já estivesse uma nova Mesa eleita (...)

”

o facto destas despesas surgirem conjuntamente com outros gastos feitos pelos confrades do Carmo. Daí emergirem constrangimentos em dissociar os gastos festivos dos restantes. Todavia, podemos adiantar que no ano económico de 1769 e 1770 despendeu-se com cera para o altar, uma dúzia de tochas e demais bens para a festa 24.485 réis. Acresce-se, ainda, a estes gastos, 2.385 réis, com passamanaria e tecido para a confeção dos escapulários, mais 1.420 réis com dois véus, para o cálice, de cetim com fio de ouro e outro de tafetá branco. A avolumar estes valores juntam-se 12.745 réis na compra de uma veste de seda e 57.880 réis na aquisição de um cortinado de damasco carmesim italiano para o altar de Nossa Senhora, e outros aprestes. Com a limpeza da lâmpada, que iluminava a imagem, alfinetes e algodão, 200 réis^[38].

As importâncias aqui elencadas permitem-nos, pelo menos, aferir que a festividade de Nossa Senhora do Carmo, embora simples e desprovida de qualquer espetáculo lúdico, requeria sublinhados gastos. Realidade que não só era visível nesta confraria, pois na de Nossa Senhora do Carmo, em Braga, entre meados do século XVIII e primeira metade do século XIX, o setor onde a irmandade mais despendeu foi no das celebrações litúrgicas e festividades^[39].

Estas despesas, contempladas no livro de receita e despesa de 1750 da irmandade de Nossa Senhora do Carmo limiana, vêm corrobora-

[38] AMTPL, FUNDO DOCUMENTAL DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, LIVRO DA RECEITA E DESPESA 1750, FL. 34.

[39] SOBRE ESTE ASSUNTO LEIA-SE SILVA, SARA – A CONTABILIDADE DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO (1758-1834)…, P. 99.

[40] CF. TEIXEIRA, JOAQUIM DE SOUSA – FESTA E IDENTIDADE. IN REVISTA COMUNICAÇÃO E CULTURA..., P. 26-27.

rar a profunda devoção que esta promovia à sua padroeira, ao revelar-nos que muitos dos desembolsos estavam relacionados com o processo de manutenção da paramentaria, alfaias litúrgicas e imaginária. A premente preocupação com a limpeza, reparação, alinhamento e perfeição, permite-nos constatar que do interior da capela emanava para o exterior a grande dedicação, conservação e veneração a Nossa Senhora.

Apesar do profundo cuidado que esta instituição tinha com as questões espirituais, procurando que todos os irmãos fossem pessoas expurgadas de tudo o que pudesse manchar a alma, não deixava de socorrer os mais pobres e enfermos. Gestos filantrópicos que se expressavam com grande regularidade no dia da festa da padroeira. Em termos de conclusão, e com base no pensamento de Joaquim Teixeira, para determinar a tipologia de uma festa é pertinente ter-se presente na sua análise certos elementos como o objeto, grupos celebrantes e atividades específicas^[40]. Deste modo, e seguindo esta linha teórica, a festa, aqui retratada insere-se num campo sublinhadamente religioso, moral e devocional, ou não integrasse no seu programa de atividades a missa, sermões e procissão, em honra de Nossa Senhora do Carmo.

BIBLIOGRAFIA

- AMTPL, Fundo documental da confraria de Nossa Senhora do Carmo, *Livro da receita e despesa 1750*.
- AMTPL, Fundo documental da confraria de Nossa Senhora do Carmo, *Livro dos Assentos das Mesas 1756*.
- AMTPL, Fundo documental da confraria de Nossa Senhora do Carmo, *Estatutos da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo 1752-1774*
- ABREU, Laurinda Faria dos Santos – Confrarias e irmandades de Setúbal: redes de sociabilidade. In CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO, 1–Actas. Porto: Reitoria da Universidade do Porto: Governo Civil do Porto, 1991.
- ARAÚJO, António – Ordens Terceiras. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- ARAÚJO, Marta Lobo, coord. – *As confrarias de Braga na época barroca*. Famalicão: Edições Húmus, 2016. p. 95-114.
- ARAÚJO, Marta Lobo – As manifestações de rua das Misericórdias portuguesas em contexto barroco. In *Hispania Sacra*. LXII 122. Enero-Junio, 2010. p. 93-113.
- ARAÚJO, Marta Lobo – *Dar aos pobres e emprestar a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima (séculos XVI-XVIII)*. Barcelos: Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa; Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, 2000.
- ARAÚJO, Marta Lobo – Introdução. In ARAÚJO, Marta Lobo, coord. – *As confrarias de Braga na época barroca*. Famalicão: Edições Húmus, 2016.
- BARBOSA, António – *A Procissão de Cinzas em Ponte de Lima (Séculos XVII-XIX). Notas para uma Introdução*. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 2010.
- CARDONA, Paula – *O perfil artístico das confrarias em Ponte de Lima na época Moderna*. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 2010.
- ESTEVES, Alexandra – A confraria da Nossa Senhora da Penha de França formas de sociabilidade e assistência em Ponte de Lima no século XIX. In *Ponte de Lima Estudos de História Local*. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima, 1999. p. 89-98.
- GOUVEIA, António Camões – O enquadramento pós-tridentino e as vivências do religioso. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal. O Antigo Regime*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- GOUVEIA, António Camões – Procissões. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. p. 67-72.
- LIMA, José da Silva – Festas. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- MARQUES, João Francisco – A palavra e o livro. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. – *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- MÓRAN, Manuel; ANDRÈS GALLEGÓ, José – O pregador. In ROSARIO, Villari, dir. – *O homem barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- PENTEADO, Pedro – Confrarias Portuguesas da época moderna: problemas, resultados e tendências e investigação. *Lusitânia Sacra*, Lisboa, 2:7 (1995). p. 15-52.
- PENTEADO, Pedro – Confrarias. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. – *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- SILVA, Sara – A contabilidade da confraria de Nossa Senhora do Carmo (1758-1834). In
- TEIXEIRA, Joaquim de Sousa – Festa e identidade. In *Revista Comunicação e Cultura, A festa*. Centro de Estudos e comunicação e cultura. 2010. p. 17-33.